

Preço avulso — 20 réis

GRANDE FOLHA

SEMANARIO

ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL — JOAQUIM DOS ANJOS
SECRETARIO DA REDACÇÃO — HOGAN TEVES

PROPRIETARIOS: — Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 números 300 rs.
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 números 400 rs.

LISBOA

18 de fevereiro de 1904

Editor: THOMAS RODRIGUES MATHIAS

Composição e Impressão na Typographia d' A. A. EDITORA
Largo do Conde Barão, 50

Individualidades Artísticas

Beatriz Rente

Uma actriz de merecimento real e que possui um physico de primeira ordem para a scena. Tem sobretudo uns olhos muito formosos que lhe animam o rosto nas situações dramaticas e de que ella sabe tirar grande resultado.

De Portalegre, onde nasceu, veiu para Lisboa, com quinze annos incompletos, e sua madrinha, a actriz Emilia Adelaide, obteve-lhe uma escriptura no theatro de D. Maria, na empreza José Carlos dos Santos e José Joaquim Pinto. Allí foi subindo a pouco e pouco, chegando a fazer papeis de valor, sob a direcção do grande mestre da arte dramatica.

Depois da cegueira do infortunado actor e das circumstancias deploraveis que o obrigaram a deixar o theatro de D. Maria, Beatriz acompanhou Santos para o Gymnasio e allí continuou desenvolvendo as suas aptidões, fazendo algumas ingenuas dramaticas em que se houve com muito discernimento.

No repertorio d'esse theatro tem ella uma longa folha de serviços, sempre desempenhando correctamente os seus papeis e conseguindo o agrado e a estima do publico. Ha tempos sahio do Gymnasio, onde tinha um dos primeiros logares, e foi deslocar-se para a Rua dos Condes; d'allí retirou-se depois para dar entrada no theatro de D. Maria, onde actualmente se encontra.

JOAQUIM DOS ANJOS.

MISCELLANEE THEATRAL

XIV

É espinhosissimo e complicado o assumpto, que versamos nestes escriptos inspirados pelo mais ardente amor ao brilho do jornalista e pelo devotado

acatamento á grande instituição da Imprensa periodica, certos de que a esta impende o indeclinavel dever de esclarecer e orientar o publico, composto de unidades heterogeneas, desde o caçôl dos leitores até ao desallumado, que, todavia, bebem, por igual, nos órgãos d'aquelle forte poder, elementos de direcção artistica e litteraria.

O que, a largos traços, bosquejámos no artigo precedente confirma e reforça a amarcissima proposição formulada anteriormente, que envolve e implica uma arguição desprovidida de irritantes referencias pessoais e limpa de pequeninas preocupações de ordem inferior.

Exprimimos vibrante desejo, traduzimos, nestas palestras, uma altissima aspiração: — Que a im-

Por não podermos numerar um Shakspeare, um Molière, um Schiller, um Ibsen, nunca esqueçamos que vivam a luz, esta luz quente e vivificante, no solo da patria, Gil Vicente, Antonio Pereira, Antonio José, Garrett, o divino Garrett, poeta de figuras soberanamente vivas e ideicas, concepções perfectas humanadas em *Telmo Passa*, do *Frei Luiz de Sousa* e no *Alda*, do *Afageme*. . . não citando tantos e tantos autores para só, como num vôo de ostentadora celeridade, regarmos exclusivamente pelos aureolados eumes, alterosos marcos miliarios da Arte.

E de actores não reiteraremos o já asseverado: Ha-os, uma boa moia d'ua, que não succumbiriam no torção em que se terçassam as armas de Ifland, de Irving, de Talma, de Salvini.

Se os homens que, pela sua illustração geral e vigorosa paixão do theatro, o estudassem fructuosamente, e depois de bem apercebidos do cabedal tecnico, acenatados pela intuição critica, se colligassom nesta cruzada (menos cruenta do que as do Oriente na quadra medieval), para inquirirem do que se faz e como se deve fazer operar após apuramento de erros remediaveis e consequente propagação de boa doutrina da sciencia de eriar vida alheia com a propria, consonante synthetisamos assim a intellectual e psychologica arte dramatica, se a sciencia critica se encostasse ás inabalaveis columnas dos mestres, oh! então veriamos alguns dos que, dotados de talento e aptidões para o exercicio do cargo, revelam para elle qualidades prestadias — feucudarem estas e volverem-se excellentes julgadores! . . .

Não se prescurtam, porém, os arcanos da arte, não se assimilam as noções imprescindiveis para critico theatral, de modo que raro, rarissimo, o artista recebe daquelles que o avaliam a prolifica lição, que se lhe devia proporcionar, o que para ambos seria um bem inestimavel.

O interprete emendava-se, polia-se, progredia; o censor cobria-se de prestigiosa autoridade, sem a qual é improprio, inane o juizo critico desamparado dos esteios, que tem nome de — *sciencia e consciencia*.

E' mui penoso, é, o mais possivel, a aquisição de conhecimentos tão variados e copiosos, mas todos elles ministram luz ao critico e são instrumentos para acurada analyse das peças e da correlativa execução.

A historia, a geographia, a ethnographia, a psychologia, a physiologia, maiormente a das paixões, a declamação são auxiliares absolutamente necessarios.

Quando em 1874 rasgámos o caminho escrevendo a primeira critica orientada, a dos *Lazaristas*, de quanto d'essa disciplinas nos utilisámos, e mais da arte de dizer, que aprendemos com o maior professor, o eminente Duarte de Sá, que naquello anno nos honrou, sentando-nos no Conservatorio a seu lado, no jury, para examinarmos discipulas sobre materias que elle compilára em um methodo, que nos legou depois em testamento, e que nunca



BEATRIZ RENTE

prensa trate a serio do theatro, levantando-o ao apogeu que lhe merecam as gloriosas tradições e fistas dos povos antigos e a intensa vida, que elle ao presente disfructa, e de que affirmar a radiante belleza e incontestada utilidade nas nações requintadamente cultas.

Não é mister demorada leitura do evolutivo movimento dramatico, refulgente e encantador na França, na Allemannha, na Inglaterra, na Italia, nos Estados Unidos, para nos sentirmos arrastados a cubyramos para nós, portuguezes, que temos paginas palpitantes do grandeza na historia da scena, um quilhão, se não farto, honroso sequer na repartição das riquezas de arte theatral profusamente derramadas por esse mundo.

chegou, por causas particulares, a ser publicado!.....

As noções praticas do metter em scena, é preciosissimo que o critico as conheça experimentando-as, ou assistindo, com intuito observação, a ensaios dirigidos por homens peritos no seu officio.

Saber como estudar systematicamente um papel, desde que elle é distribuido até ao ultimo ensaio, é um effizaz exercicio mental de extrema delicadeza para o critico, mas para o qual, a força do methodo e de reflexão, o artista praticamente consegue presteza relativa, maior ou menor, conforme a pesquisa, coeção e maximação da individualidade do personagem se lhe tornam mais ou menos custosas de obter integralmente no palco.

Alfredo Oscar May.



Luocinda Simões escriptora

Esta insigne artista, que é, e será por muito tempo, inimitavel no theatro portuguez, não se contentou com a maxima gloria do palco e com as admirações que o seu donaire de mulher inspirava; tambem fez jus a considerar-n'a escriptora.

Isto é ignorado entre nós, porque em Portugal só tem sido publicadas algumas opiniões de Luocinda a respeito de arte dramatica; e d'ahi, embora casias criticas sejam muito sensatas e espirosas, não lhe resultam fóras litterarios. Onde, porém, se lhe pode e deve firmar a categoria de escriptora é em umas interessantissimas cartas de viagem pela Europa, dadas & estaõna n'um jornal brasileiro, o *Diario Mercantil*, de S. Paulo, no anno de 1886. Que a grande actriz nos perdõe a revelação!

Ahi ha bellezas de sentimento e primores de escripta — como o leitor vai ver:

«Loreto, 30 de novembro. — Meu bom amigo. O prometido é devido. Prometti communicar-lhe as minhas impressões da Italia; começo hoje. Mas que lhe direi? Que me parece estar vivendo n'um paiz de sonhos? E' dizer pouco, em meio de tão surpreendente realidade!»

A Italia tem correspondido a tudo quanto eu esperava, mas o que me deixou absorva, subjugada, foi Veneza. E' a mais singular, a mais caracteristica das cidades italianas. Encanta e deslumbra. A divina George Sand e o divino Musset não podiam encontrar na terra outro céu como este para os seus amores.

Ha, sobretudo, um não sei quê de oriental, de extranho, nos seus antigos esplendores, nas ruas estreitas e tortuosas, cheias de soberbos e immensos palacios, que me deixaram impressão para todo o resto da minha vida.

E o Grande-Canal, bordado de monumentos de varios estylos, predominando o ogival e o molrisco! E a magestade da ponte de Rialto em um só arco!...

O viajante anda por aqui boquiaberto.

Diante do Palacio dos Doges e bem assim na praça de S. Marcos a estupefacção empolga-nos. A fachada da Basilica, onde avultam quatro enormes cavallos de bronze considerados como trabalho romano da epoca de Nero, produz uma impressão que nunca mais se apaga.

Do quindros pennis Veneza as maiores preciosidades — dos *Ticianos*, dos *Peroneas*, dos *Tintoretos*, dos dois *Palmas*, de *Salvini*, de *Sansovino*, de todos os grandes pintores.

Todas as artes tem aqui as suas manifestações mais opulentas.

Agradou-me tambem muito a velha Bolonha, com o seu *cachet* de antiguidade grandiosa.

As proprias construções modernas são magnificas.

Esta cidade possui, entre outras, uma inestimavel preciosidade artistica — o retrato da Virgem e de Jesus, pintado por S. Lucas. Não sei descrever-lhe a impressão que me causou. Não sei descrever-lhe esses retratos. E' possível, não discuto, não tenho competencia para isso.

Escreptores que ha affirmam não serem authenticos esses retratos. E' possível, não discuto, não tenho competencia para isso.

O que lhe garanto, meu bom amigo, é que o Christo devia ter aquella expressão doce, attraente, ideal, divina.

Hoje viemos a Loreto, pequena cidade situada n'uma collina d'onde ha esplendidos pontos de vista sobre o mar e sobre os Appenninos. A curiandade que me trouxe cá foi a casa onde a Virgem habitou em Nazareth. Toda de tijolos e travos. Faz bom contemplar tanta humildade e pobreza no meio do esplendor do Santuario onde se acha a habitação da mãe de Jesus.

Amanhã vamos para Napoles e d'aqui a dez dias devemos estar em Roma.

Esvarecer-lhe-hei de lá, se a minha cabeça m'o permitir.

A Italia trelheou-me. Se ha paraíso no mundo, o paraíso é aqui. Estou reservando assumptos para futuras palestras. Caricias à sua filha. Adens. Aperto-lhe affectuosamente as mãos. — *Luocinda Fortado Coelho.*»

Confessamo-nos reconhecidos ao nosso amigo e collaborador que nos proporcionou este ensaio de lembrar mais uma homenagem a Luocinda Simões.

Primeiras representações

Theatro de D. Maria II

Canallaria ligeira, comedia em tres actos e nove quadros de G. Courtellino, arreglo do sr. Camara Lima

O que com este titulo se representou pela primeira vez na ultima sexta feira, n'este theatro, nem ao menos pôde ser classificado de revista, porque para ter as honras de tal classificação lhe faltam factores essenciaes que venham dar vida e animar aquelles nove quadros que nominalmente, como vistas de cinematographo, se descerolam perante o espectador sem lhe offerecer o menor interesse.

Chega a parecer impossivel e a não se comprehender, a falta de criterio que tem presidido ultimamente à escolha das peças que tem subido á scena no theatro normal.

E' sempre com o maior pesar que nos vemos obrigados a dirigir estas censuras, mas a tarefa que voluntariamente assumimos não nos permite complacencias sobre qualquer assumpto que contribua para o completo aniquilamento do nosso theatro.

Dizemos o completo aniquilamento, porque o seu estado presente é dos mais lamentaveis, e o seu futuro não se nos affigura mais risoso.

Ainda assim, as coisas podiam mudar de face, se os bons actores que temos unissem os seus esforços, se os poderes publicos, que tanto alardeiam de civilisadores e progressistas, se dignassem olhar com um pouco de interesse para um estabelecimento que é justamente conceituado escola e ensinamento do povo, se enfim todos aquelles que interferem directa ou indirectamente sobre aquelles theatras enviassem todas as suas boas diligencias para elevar o nosso theatro ao grau de perfeição que elle tem attingido em outros paizes. Mas infelizmente não se sabe d'esta apathia.

Varios são as causas que concorrem para este deploravel estado, e a indical-as minuciosamente teriamos que arguir individuos que em épocas remotas andaram por ali em guisa de missionarios a propagar a instante necessidade de attender seriamente ao futuro da arte dramatica, e depois os factos posteriores vieram demonstrar do modo cabal que tão hypocriticamente como os taes evangelisadores, elles só tinham em mira a satisficção dos seus interesses particulares, e que para conseguirem o seu intento não hesitavam em levar agarrados ás abas das suas conveniencias, a miseria da arte, o futuro dos actores, e a total destruição do theatro escola.

Enfim, vamo-nos resignando com a nossa sorte, e tomando o fio do assumpto do qual nos desviamos por meio de desalinhavadas e talvez extemporaneas considerações, repetimos que nos causa pena ver que actores que como Ferreira da Silva e Fernando Maia, em ultimo especialmente por ser o gerente, escolham para o seu theatro peças nas quaes só avulta a inverosimilhança das situações, o desarrazoado da acção, a completa incoerência dos caracteres, composições dramaticas

enfim que não tem um unico ponto de vista accetivel, como a *Cavallaria ligeira*.

Para cumulo da infelicidade contribuiu não pouco a dynamisação operada n'esta peça pelo sr. Camara Lima, que não é um novato no theatro e que já tom d'ado exuberantes provas do seu talento, mas que d'esta vez, foi infeliz.

Ferreira da Silva teve scenas em que ostentou mais uma vez a sua valiosa intelligencia e as suas poderosas facultades.

Do desempenho dos outros papeis não nos é permitido extremar este ou aquelle artista, comquanto conheçamos que todos elles diligenciaram agradar; mas na lucta entre a sua vontade e a imperfeição dos papeis, não podia deixar de succumbir aquella.

H. T.

Theatro D. Amelia

O sub-prefeito de Chateau Buzard, comedia em tres actos de Gandillot, traducção do sr. Eduardo Garrido

O sub-prefeito de Chateau Buzard é o titulo da nova peça de carnaval que a empresa de D. Amelia fez representar pela primeira vez no sabbado 6, do corrente; são tres actos cheios de troça e scenas pirosas que fizeram rir a bom rir e é isto que o publico queria, attendendo á época que atravessamos; o publico frequentador d'aquella casa de espectaculos pateouco o seu agrado principalmente nas scenas capitais da peça, algumas das quaes engraçadissimas, como, por exemplo, a improvisada *soirée* em casa do sub-prefeito, onde, na sua ausencia se canta e dança o *cake walk*, sendo esta ultima parte bisada. No decorrer da peça notam-se tambem alguns ditos e trocadilhos de espirito, fabricados por Eduardo Garrido, o feliz traductor de quasi todas as peças de carnaval que tem sido representadas n'estes ultimos tempos n'aquella casa de espectaculos. Será lido ainda assim dizeiros que temos achado mais graça ás peças das anteriores épocas, taes como *A lagartixa*, *Pouca Sorte*, *O outro eu*, etc.

No descompohe salientaram-se Augusto Rosa no criado do sub-prefeito, pela graça e naturalidade que imprimiu ao seu papel, e Lucilla Simões que, n'um papel simples para os seus dotes artisticos, nos apresentou uma actriz franceza, vestindo com a simplicidade e elegancia que lhe é habitual, segundo a personagem que tem de representar; estes dois artistas foram habilmente secundados pela actriz Josepha de Oliveira e pelos actores Henrique Alves, Christiano, Augusto Antunes, Gil, Chaby e Antonio Pinheiro.

* *

Para os quatro espectaculos das noites de carnaval, fez a empresa de D. Amelia pôr em scena um arreglo da zarzuela *Genero infimo*, intitulado **Genero... gordo**, que teve por interpretes os nossos melhores actores.

O publico riu a bom rir, applaudindo phreneticamente todos os artistas, especialmente Chaby, que desempenhou o papel da *sciorita* Lola Ramos, cantando com muita graça o tango dos *lunares* e o *morrongo*.

Na zarzuela tomaram parte, falado todos em hespanhol, os seguintes artistas:

Brazão, Augusto Rosa, Christiano, Gil, Carlos de Oliveira, Alvaro Cabral, Josepha de Oliveira, Laura e Delphinia Cruz, Maria Faleiro, Cecilia Neves, etc.

H. P.

Theatro da Rua dos Condes

De portas a dentro... revista em tres actos, por Baptista Diniz

Esta casa de espectaculos tem por seu director tecnico superior o illustre e estimado autor dos *Campinos* e de portuguezissimas versões — Salvador Marques. E' uma solida garantia de boa genencia litteraria.

Tres homens engenhosos, cada um na sua especialidade, trabalhadores, unificados pelo commum pensamento gerador de produzirem uma revista alegre, travessa, zombeteira, exhibiram no dia 6 do corrente, ante a massa compacta de gente engulando o exiguo e luxuosamente ornamentado theatro, o fructo de afanosas vigillas, de amargas contrariedades vencidas corajosamente, de teimo-

sa persistência em bem servirem ao publico captivo essa uma obra deliciosa e viavel.

E conseguiram-no.

A mordaz penna do popularissimo autor, a *batuta* do novel e talentoso maestro, a tesoura e a imaginação artisticamente nordesta do *costumier* operaram harmonia e convergencamente.

O effeito geral da satyra a costumes e a taras sociais, a instituições e personalidades, sem abonchamento depressivo e estultas morderudas, traduz-se fóra da minima lisonja, excellentemente e podemos, em nossa consciencia, opinar pela approvaçào dum producto de factores tão varios na origem e na natureza.

Nos elementos constitutivos ha unidade, ha germação.

O nosso parecer é synthetico, o mais possivel. Este jornal é tão pequenino, que mais de um numero demandaria a analyse da *Revista*, e não é da indole do *Grande Elias*, dar prolixos, aliás uteis, estudos criticos, que só poderiam caber em folha de enormes dimensões.

Os tres sympathicos páes de **Portas a dentro**, os tres empresarios que tanto pessoal alimentam, ou ajudam a sustentar, explorando aquelle theatro, foram coadjutores efficientemente pelos scenographos nos quaes se assignalaram louvavelmente os já laureados Pina e Luiz Salvador, os apreciados Valdez e Cesar Maximo e um moço pintor, filho do habiliissimo Eduardo Reis, que affigura-se nos seguir as pisadas do progenitor, e é mais um soldado para reforçar a corporação prestinosa desses especialistas, que, em Portugal, obram, sem incantamentos, milagres de habilidade esthetica, atenta a ausencia de escola e de modelos, em que superabundam a França, a Italia, a Alemanha, a Grã-Bretanha, em que ao scenographo se lhe deram, com extrema facilidade, exemplares e mestres de primeira plana!!...

Foi B. Diniz outrosim favorecido com adjutorio poderoso na execução do seu chistoso escripto, pela reapprisação do estimabilissimo actor comico Marcelino Franco, no personagem, cuja individualidade elle, ha bastantes annos, criara, de — *Zé Povinho*.

Que naturalidade, que desopilante, sem palhaçadas, na physionomia, na diction expressiva e no gesto!!...

Julio Guimarães acompanhou-o conscienciosamente num papel, o do actor, em que elle não podia, sem o falsear, ser acenadamente comico. Disse-o corto, e individualizou-o com fidelidade.

Em figura mais ou menos allegorica, symbolica, phantastica, e humanas merecem citação: Antonio Salvador, Rebocho, Augusto Martins, Maximo, Morcira, Christina Tapa, cantando bem e imitando, até á illusão, uma grande actriz em um trecho da *Morgadinho*, Isabel Costa, Julia Moiz, Ophelia Godinho, Julia Castilho, Rita Machado, e pela primeira vez vimos Julia Sá, que se nos revelou com vocação theatral, e uma pequenita, cujo nome ignoramos, que dá mostras do grande viveza e intuição da scena. Outros e outros cooperaram activamente, e com discreção, na modesta órbita dos papelinhos.

Paschoal Pereira compoz musica devéras lindissima, leve e bem orchestrada, ensaiando perfeitamente as partes e os côros. Os arsupices são-lhe propios.

Os fatos de Castello Branco são de gosto delictado tanto no côrte como nas côres, cambiantes e estofos excellentes.

Dixiu o grande e fascinante Chateaubriand: E' tempo de exercermos tambem a critica das bellezas.

A. O. MAY.



As clagues

Em Portugal, onde o genio inventivo é uma especie de contrabando, mas a imitação tão frequente e usurpadora dos direitos estrangeiros, que chega até ao ludibrio, raro é apparecer um invento que tenha valor e originalidade nacional, e uma imitação que não seja incompleta ou, para melhor dizer, *mal-acabada*.

Se acaso, entre nós, apparece um invento, uma modã, um producto, enfim, uma idéa boa, de um portuguez que, orgulhoso das vantagens ou do va-

lor do seu trabalho, o expõe á consideração do publico, e com o seu nome, oh desgraçado que tal fizesse! Chamam-lhe idiota, imitador, intrusão e por fim dizem que o novo producto não presta por ser portuguez!

Infeliz d'aquelle que pretende pelo seu trabalho honrado alientar-se, quando só ignorantes o cercam.

Tem até certo ponto justificação a phrase já tão popularizada — *é portuguez, não presta!* — O portuguez não é inventor, por ausencia de idéas, mas sim por falta de dedicação ao estudo e por mingua de subsidios que lhe permitam abandonar o ganha-pão, quando o talento, auxiliado pela instrução e conduzido ao estudo ou á resolução de um problema difficil.

Já que não é provavel que Portugal seja no futuro o paiz da invenção, ao menos, que seja o da imitação, mas da imitação franca e perfeita que não deixa duvidas aos que são admiradores ou consumidores dos productos similares estrangeiros.

Parece que me afasto do assumpto que serve de epigraphe a este artigo, para tratar das invenções em Portugal; mas não; pretendo apenas justificar que em Portugal espera-se sempre um modelo, um figurino, ou uma idéa importada do estrangeiro, para se realisar uma empreza ou innovar qualquer costume.

• •

Em assumptos theatraes ha muito a dizer, muito a estudar e muito mais ainda a inventar, porém, como só das *clagues* desejo falar hoje, limito-me a censurar a existencia d'estas nos nossos theatros, pela forma por que se acham constituidas.

Quantos prejuizos não terão tido os empresarios dos theatros da nossa capital, resultantes da incompetencia de uma classe que no estrangeiro se compõe de homens, se não instruidos e intelligentes, pelo menos educados para o fim a que se destinam; e que em Portugal só primam pela imbecillidade, ou se distinguem pela ignorancia do servico que desempenham!

Em Portugal não ha *claqueurs*, ha borlistas!

O systema adoptado entre nós para a constituição das *clagues* limita-se a contractar um homem, que muitas vezes não passa de um foils qualquer, fornecer-lhe vinte ou mais senhas de entrada e auctorizal-o a *engajar* vinte sujeitos todas as noites para applaudir a torto e a direito os numeros principaes de uma peça musical, as passagens mais levantadas de um drama, etc.; ou para pater um determinado artista que o empresario admittiu por compunhos, mas de que depois vê-se livre.

Isto é o que se passa todas as noites nas *clagues* dos theatros de Lisboa, com poucas excepções; agora as consequências desastradas d'esses *clagues* são muitas, e facil é prevê-las.

• •

O publico frequentador de theatro, e que paga o seu logar, conhece á legua essas *troupe*s de borlistas avençados, que interrompem constantemente os espectaculos com desabados applausos, os quaes muitas vezes provocam a pateada d'aquelles.

Estas *troupe*s, de que só fazem parte os que nada percebem de arte dramatica e que não recebem sensatas instrucções para bem proceder no seu mister, denunciam-se por completo ao publico, quando todo o seu valor reside no mais severo anónimo.

Quem não for *habitué* theatral, mas desejar saber quaes são os *claqueurs* do theatro em que se encontra, basta dirigir os seus olhares para o sitio de onde irromperem os primeiros applausos e logo verificará que as ovações são só de um pequeno grupo.

E' d'esse grupo de homens que depende uma grande parte do exito de uma peça.

Os *claqueurs* são firmas muito conhecidas no nosso acanhado meio theatral e, se não forem distribuidos pelas platéas por forma que se confundam com o demais publico, de nada prestarão os seus servicos, e antes serão muito prejudiciaes para uma empreza.

Em tudo é necessaria a disciplina e desde que ella não exista nas *clagues* dos theatros, os empresarios hão de experimentar funestos resultados.

• •

Que os *claqueurs* me não queiram mal por estas phrases que exprimem apenas a sinceridade com que costume expôr as minhas idéas; e que os em-

prezarios pensem na melhor forma de organizar as *clagues* procedendo como no estrangeiro, e segundo a ordem do theatro.

Não apresento alvitos porque é praxe não se ensinar o Padre Nosso aos vigários, mas faço votos para que esta censura, filha de um observador carola pela arte dramatica, sirva no menos de lembrança para os interessados começarem a pensar no assumpto.

Quando eu veja que se começa a fazer alguma coisa de pratico prestarei, então, o meu humilde concuro e mais desinteressadamente possivel, e provarei que não ha peça, por peor que seja, que pelo menos não salve a despeza quando a imprensa e as *clagues* bem organisadas se empenharem em conseguir o mesmo fim.

D. PENHENGELLAS.

Bailes

Muito concorridos e animados os bailes publicos realisados durante as noites de carnaval nos theatros de D. Maria II, D. Amelia, Trindade e Colyseu.

O D. Amelia teve em todas as noites uma concorrencia enorme, chegando a ser difficil transitar-se na sala. *Cela va sans dire* que houve as costumadas scenas de pugilato, felizmente sem consequências de maior, ás quaes acudia sempre presuroso o sr. major Dias, que deixou de ser o terror da policia, por ser hoje considerado, pelo seu bom caracter e pelo fino tacto que emprega para exercer o seu *métier*, um anjo salvador que a muitos tem livrado das garras dos escriptores da Boa Hora.

Em D. Maria, a concorrencia foi sempre menor que nos outros theatros, mas era de bello effeito a sua ornamentação talvez até a melhor das que vimos.

Na Trindade e Colyseu, sempre a mesma coisa. Em nada variaram, quer em ornamentação, quer em animação, dos annos anteriores.

Que nos relevem os nossos prestantissimos colaboradores a publicação dos artigos de feição comica do passado numero.

Com o seu illustrado espirito, deserto comprehenderam que foi apenas um brinquedo inoffensivo.



MOVIMENTO THEATRAL

A distribuição da peça de Alfred Capus, **A castella**, traduzida pelo sr. Aceacio de Paiva e que, conforme já dissemos, está em ensaio no theatro D. Amelia, é a seguinte:

André Jossan, Eduardo Brazão; *Gastão*, Augusto Rosa; *La Baudière*, Antonio Pinheiro; *Carlos Mery*, Henrique Alves; *O barão*, João Gil; *Lormoia*, Alvaro Cabral; *Theresa*, Luella Simões; *A sr. de La Baudière*, Joseph de Oliveira; *Luciana*, Laura Cruz; *Clotilde*, Maria Falcão; *Governante*, Amelia O'Sulliyand.

* E com a *reprie* da empolgante peça de Dumas, **O pae prodigo** que brevemente realisa a sua festa artistica, no theatro de D. Maria II, o intelligente e estimado actor Ferreira da Silva.

O primeiro quadro da revista **Vilvina a saltar**, actualmente em ensaio no theatro Avenida, intitulada-se **O tribunal do Destino** e está assim distribuido:

O Felticeiro, Setta da Silva; *A Fada*, Delphina Victor; *A Sorte*, Gabriela Lucey; *O Ministerio Publico*, Elvira Rosa; *Advogada*, Laura Fernandes; *Escrivão*, Stella; *1.ª Meirinha*, Sarah; *2.ª Meirinha*, Laura Ruth.

Intitula-se **Cinematographo** a comedia traduzida pelo sr. Aceacio de Paiva, que em breve subirá á scena no theatro do Gymnasio, em festa artistica do actor Julio Soller.

O ensaiador do theatro do Gymnasio, Leopoldo de Carvalho, escolheu para sua festa artistica a comedia **Noivo á força**, traduzida por elle proprio.

Já entrou em ensaio no theatro do Gymnasio a comedia burlesca em quatro actos, versão allemã do sr. Freitas Branco, intitulada **Gente para alugar** e que é destinada á festa artistica do applaudido actor Cardoso.

A sua distribuição é a seguinte:

Rodolpho Kruger, Cardoso; José Keller, Ignacio; Jorge Mauer, Alexandre Ferreira; Ernesto Muller, Amibal Pinheiro; Henrique Muller, Sarmento; Fernando Sperling, Antonio de Souza; O conde Stieglitz, Carlos Leal; Amibal Schulz, Salles; Paulina Kruger, Barbara Wolckart; Baronesa de Norriço, Izabel Berardi; Carolina, Carlota Fonseca; Augusta, Julia de Assumpção; Helena, Emilia Sarmento; Gertrudes, Marietta Mariz; Um criado, Almeida.

*. O estimado actor Theodoro dos Santos realisa a sua festa artistica no proximo dia 29, no theatro de D. Maria II, com a comedia **Escola antiga**.

*. Está mareada para 27 do proximo mez de março, no theatro do Rato, a festa dos sympathicas e catiduosas atrizes, Carolina Santos e Elvira de Jesus.

Além da **Capital de Portugal**, em que as beneficiadas teem dois dos principaes papeis, devem figurar no surprehendente programma, que estão organisando, os nomes de alguns dos nossos melhores artistas.

*. E! no dia 9 de março, que o estimado actor Roque realisa a sua festa no theatro do Principe Real, fazendo-se n'essa noite *reprie* da **Mulher demônio**, que ha bons annos deu successivas enchentes no Gymnasio.



Em quasi todos os clubs, nos quaes sempre mais ou menos nos temos referido n'esta secção, se realisaram durante os dias de carnaval recitas e bailes que corroyaram sempre muito animados.

Na impossibilidade de nos referirmos a cada um d'elles, porque a falta de espaço de tal nos impede, resta-nos agradecer a gentileza dos convites que tão amavelmente foram dirigidos a esta redacção, distincção esta que muito nos penhora.

D'entre bastidores

No normal, da Lisboa amada, vi uma tal pequinora, de uma comedia chamada *Cavallaria ligeira*, que me puz logo a pensar que tal seria a massada. Se á preza fossem chamar *Cavallaria pesada!*

Tvv.

EXPEDIENTE

Por terem sido ferlados na typographia os dias de carnaval, sae este numero do nosso jornal com um dia de atraso, pelo que pedimos desculpa nos nossos estimaveis assignantes e leitores.

Santos, Vieira & C.^{ia}

Romeu e Julieta

Todos conhecem estes dois nomes como sublimaes modelos de amantes desditados. A historia d'esses amores celebres achase descrita no romance *Romeu e Julieta*, inspirado na tragedia de Shakespeare. Edição com gravuras. Cada fasciculo de seis, cada tomo 200 reis. Empresa Literaria Fluminense, Rua dos Retrozeiros, 125 — Lisboa.

TABACARIA ESPERANÇA

ESTAMPILHAS, LETTRAS E PAPEL SELLADO
Depozito de tabacos nacionaes

— + + + —
Azevedo & Azevedo

2, Rua da Esperança, 8 — I, Rua de S. Bento, 5
LISBOA

J. SANTOS ROCHA

Rua do Arsenal, 98

Grande sortimento de bilhetes postaes illustrados. — Sállos para colleccões. — Tabacos nacionaes e estrangeiros. — Illustrações estrangeiras. — Assinatura permanente de figurinos para homens e senhoras

Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. — 2\$000 reis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ÉCLAIRAGE INTENSIF

Rua de Cruzes, 116 — Lisboa.

MALA DA EUROPA

JORNAL SEMANAL, ILUSTRADO, DE GRANDE FORMATO

Propriedade de JOSÉ DE MELLO

Redacção e Administração: Largo do Conde Barão, 50 — Lisboa

A MALA DA EUROPA, que entrou no seu DEBUTO anno de publicação, insere em todas as semanas uma chronica, onde se dá conta dos acontecimentos politicos da semana, um desenhado escripto de Lisboa e Porto, correspondencias de outras localidades de Portugal, de modo que basta ler a para se ficar ao corrente de todas as principaes occorrenças.

A MALA DA EUROPA, com o titulo *La semaine portugaise*, publica tambem uma chronica em francez, destinada a informar os que desconhecem o nosso idioma, dos principaes factos da sua patria.

A MALA DA EUROPA publica em cada numero grande profusão de gravuras, por vezes coloridas, reproduzindo os acontecimentos mais importantes da semana, retratos, vistas, etc., etc.

"A EDITORA"

SOCIÉTÉ ANONYME DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Antiga Casa DAVID CORAZZI

Premiada em varias exposições

Grande variedade de obras litterarias e scientificas nacionaes e estrangeiras (Catalogo de 1903 — Gratia)

Grandes officinas a vapor

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS E LITHOGRAPHICOS

em todos os generos

comprehendendo execucao e composicao

de desenhos e signaturas

Cartonagens e encadernações

em percalinas, pelles ou tecidos de seda

Modelos communs de grande phantasia

PERFECTO ACABAMENTO — BOM GOSTO — PORTUALIDADE

Preços modicos em todos os trabalhos

PORTUGAL — Conde Barão Lisboa

Endereço telegraphico: TYPOEDITORA

Nestlé

Farinha Lactea

FABRICA NACIONAL

de
Tintas typo-lithographicas

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPÓSITO

Rua Ivens, 70 — LISBOA

FABRICA NACIONAL **PAPEIS PINTADOS**

de DIAS TEIXEIRA & C.^{ia}

Papeis pintados para forrar casas, papais matas, couches e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photographia, Encadernação, Cartonagens, etc.

Depositos para venda a retalho: José Navarro d'Aguiar & C.^{ia} (P.^{ca}), 15, Avenida da Liberdade, 17; José Miguel dos Santos em C.^{ia}, 109, Rua Nova de Almeida, 104.

DEPÓSITO GERAL E ESCRITÓRIO

25, RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA

MECO & IRMÃO

DEPÓSITO de
PAPEIS DE IMPRESSÃO

20, 21, 22, Largo da Abegaria, 23, 24, 25

LISBOA